

ACM é contra participação de dissidentes tucanos no governo

O ex-governador da Bahia e senador eleito, Antônio Carlos Magalhães, defendeu ontem a presença do PMDB no governo Fernando Henrique. Isso aconteceu assim que ele saiu de uma audiência, que durou mais de uma hora, com o presidente Itamar Franco, no Palácio do Planalto. Antônio Carlos Magalhães voltou a atacar os dissidentes do PSDB, que não apoiaram o presidente eleito na campanha. "Eles não podem fazer parte do futuro governo. Têm de entrar na fila dos que vão chegar", disse ACM. "Já fui oposição e situação. Gostei das duas", sugeriu.

"Estou falando do PSDB da Bahia, Piauí, Maranhão e Distrito Federal. E de parte do PSDB paulista, como um certo Tuga (deputa-

do Tuga Angerami)", acentuou o senador baiano. ACM negou que o PFL tenha saído enfraquecido da eleição, com apenas dois governadores. "Nós saímos fortes. Elegemos o presidente da República", contabilizou sorrindo. Ele disse que Fernando Henrique terá o apoio do PFL no bloco parlamentar de sustentação do governo, que está sendo articulado pelo PSDB.

Saco de gatos — Um jornalista quis saber se o governador não temia que o bloco se tornasse um saco de gatos. "Saco de gatos não é mal. Ruim é saco de ratos", brincou. Bem-humorado, sem se esquivar de nenhuma pergunta, ACM sugeriu que Fernando Henrique faça uma "reforma profunda" na Sudene e no Banco do Nordeste. Ele

negou que tenha ascendência sobre o futuro presidente. "Não sou conselheiro dele, nem sou candidato a nada. Nem a ministro, nem a presidente do Senado, nem a líder. Sou candidato a ser um bom senador. E serei", garantiu, lançando uma farsa sobre o candidato derrotado ao governo de Minas Gerais, Hélio Costa, do PP.

Antonio Carlos pediu ajuda ao presidente para recuperar as lavou- ras de cacau no Estado. Para isso, levou na audiência o atual governador da Bahia, Antonio José Imbassahy da Silva, e o governador eleito, Paulo Souto — um dos dois governadores eleitos pelo PFL, junto com Roseana Sarney, no Maranhão.

Esses são os principais trechos da entrevista de ACM:

"NÃO SOU CONSELHEIRO DO PRESIDENTE"

Expurgo — "Eu sou contra o expurgo de quem quer que seja. O PMDB deve participar do Governo e isso é natural. O que eu não compreendo são aqueles que eram do partido do Fernando Henrique e não quiseram apoiá-lo, porque o PFL participava de sua eleição, agora achem natural participar do seu governo. Eles não devem participar do governo. Há uma incoerência dessa gente. É um desestímulo ver participar do governo aqueles que tinham obrigação de apoiar e não apoiaram. Os adversários não tinham essa obrigação e podem até participar. Mas essas pessoas não estão entrosadas dentro do partido do presidente. Devem bater três vezes no peito o "mea culpa" e entrar na fila dos que vão chegar. O presidente pode dar um tratamento diferente até na maneira de abraçar. Mas esse é um problema do PSDB, do Fernando Henrique, não é meu. O presidente já se esqueceu até dos que não o apoiaram. Eu é que não me esqueço porque tenho obrigação de guardar as coisas que ele não tem mais a obrigação de guardar".

Governadores — "Todos os políticos devem dar sua parcela de apoio ao presidente eleito. É inegável que os governadores eleitos demonstraram prestígio na sua área de atuação. E como tal é óbvio que o presidente tem que se dirigir a esses governadores. É um dever dele. Isso não significa que ele só vai conversar com o governadores. Ele vai conversar com toda a área política".

Influência — "Eu não sou um conselheiro do presidente eleito. Eu gosto dele, sou seu admirador, mas não desfruto sequer da sua maior intimidade".

Cargos — "Cargos importantes na administração, ministros, etc, devem partir da vontade do presidente. Devem ser os melhores, onde quer que

eles se encontrem. Eu ficarei feliz que Fernando Henrique faça o melhor ministério de pessoas que forem da sua confiança. Sendo o PFL um partido que tem muita gente boa, é óbvio que se ele vai fazer um ministério dos melhores, o PFL vai participar. O Brasil quer dele que ele escolha os mais capazes. O PFL não quer cotas dentro do governo. O destino do PFL é servir. Ele tem bons quadros e o juiz de sua participação será o presidente Fernando Henrique".

PFL — "O PFL não saiu enfraquecido da eleição. Nós saímos bem fortes. Elegemos o presidente da República. Em 1986 nós elegemos um governador do menor estado (Sergipe) e em 1990 elegemos nove. Fizemos dois governadores importantes (Bahia e Maranhão). Além disso, o PFL tem uma grande bancada de deputados e senadores. A segunda maior, depois do PMDB. Nós agimos em função de um todo e não apenas de dois Estados. Esses dois governadores representam todos os estados onde temos o partido organizado".

Cacau — "O problema do cacau na Bahia exige uma providência urgente do Governo Federal. O cacau está vivendo uma fase difícil, não só nos preços, como sobretudo com uma praga, a vassoura-de-bruxa, que está dizimando a lavoura. Nós, fiéis à região do cacau, temos compromisso com essa área, que é importante para a Bahia, com 90 municípios, e que está desempregando a quase 150 mil baianos. O presidente nos colocou em contato com o Banco do Brasil (ACM se encontra amanhã com Alcir Calíari, presidente do BB) para resolver parte desses problemas. Não pedi nenhum perdão de dívida, até porque a dívida deles é uma ninharia. Queremos que o Governo Federal financie, junto com o governo baiano, o combate a essa praga e a safra na hora do custeio.

PSDB estuda expurgo na Bahia

São Paulo — A comissão de ética do PSDB vai analisar a situação dos tucanos da Bahia, que nas eleições deste ano aderiram à candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) à Presidência, em represália à aliança com o PFL. Quem garante é o presidente tucano, Tasso Jereissati. "Isso não pode passar em branco", disse ele ontem, em São Paulo, após encontro com o presidente eleito, Fernando Henrique Cardoso, no Hotel Caesar Park. "Houve um desrespeito claro por parte do partido naquele estado". No final de semana, o senador eleito pela Bahia, Antônio Carlos Magalhães (PFL), defendeu o expurgo dos peessedebistas baianos — o que ampliaria seu domínio no estado. Entre os tucanos que apoiaram Lula estão Waldir Pires, candidato derrotado ao Senado, e Jutahy Magalhães Júnior, que disputou o governo baiano. (AE)